



Entrevista com Rumi Regina Kubo

Entrevista: Vicente Fonseca

Transcrição da entrevista: Mariana Guazzelli, Thaynara Carolino e Vitória Fagundes

Edição: Vicente Fonseca

Fotos: Mariana Guazzelli e Rumi Regina Kubo

Filha de imigrantes japoneses, Rumi Kubo tem uma trajetória extensionista e interdisciplinar rara. Sua história de vida inicia no campo: criada em uma família de agricultores, deu prosseguimento nesta área na academia, quando se graduou em Ciências Biológicas. Sua trajetória a levou ainda à Antropologia, Economia e Artes Plásticas. Toda essa multiplicidade retorna ao campo através do trabalho em desenvolvimento rural, no qual une ensino, pesquisa e extensão de maneira conjugada e entrelaçada. Nesta entrevista, concedida na sede do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR), ela nos conta sobre o desafio de aliar conhecimentos tão diversos na sua atividade como extensionista, especialmente no projeto Encontro de Saberes, no qual realiza a mediação intepistêmica de conhecimentos não acadêmicos de grupos como agricultores familiares, quilombolas, indígenas e pescadores com seus alunos de graduação.

Revista da Extensão: A senhora tem uma formação bem interdisciplinar: graduação em Ciências Biológicas e Artes Plásticas, dois cursos bem diferentes um do outro; mestrado em Botânica; doutorado em Antropologia Social; e é docente na Faculdade de Ciências Econômicas. Como essas áreas tão diferentes contribuíram para a sua formação?

Rumi Kubo: Acho que a própria extensão tem uma relação muito direta com isso. São formações bem diversas, mas a minha base vem da Biologia. No curso, minha ênfase foi em etnobotânica, por isso o meu mestrado na área, trabalhando aspectos humanos da relação com a Biologia. Depois, meu doutorado foi em Antropologia, já uma certa migração. E neste paralelo vêm as Artes Visuais, as Artes Plásticas. Fiz em paralelo ao mestrado esse segundo curso, e depois vim, inclusive, dar aulas de foto no Instituto de Artes. A Universidade me proporcionou e ainda me proporciona essa multiplicidade. Foi dentro dessa perspectiva que fiz esta segunda graduação. Mas, mesmo que este espectro pareça amplo, as linhas vão se entrecruzando: na Antropologia, vim trabalhar com Antropologia Visual, que resgata esse campo das artes e da fotografia. Já na Faculdade de Ciências Econômicas, fiz o concurso, que era justamente voltado para diversas áreas do conhecimento, para trabalhar principalmente com a questão ambiental.

Revista da Extensão: É realmente marcante o entrelaçamento destas áreas na sua trajetória...

Rumi Kubo: Olhando o currículo, parece um tanto esquizofrênico (risos). Mas nós, como indivíduos, temos essa multiplicidade, e eu assumo isso. A tentativa é de costurar, e a extensão me proporciona, é uma faceta disso. Hoje de manhã (NE: a entrevista foi concedida no dia 18 de junho de 2019),

antes desta entrevista, estava pensando no que eu ia falar sobre extensão, tentando resgatar um pouco os sentidos. Hoje sou professora da Faculdade de Ciências Econômicas, pesquisadora ligada ao Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Rural (PGDR). Mas tanto para a pesquisa como sobretudo para o ensino, a minha porta de entrada é a extensão. A pesquisa que eu faço é praticamente impossível dissociar da extensão. Trabalho com pessoas que têm uma condição social minoritária dentro das relações de força da sociedade, em uma condição assimétrica e desprivilegiada: agricultores familiares, quilombolas, indígenas e pescadores. Não tem como fazer pesquisa com essas pessoas sem olhar essa simetria, levar em consideração isso na pesquisa. Por isso, a existência de toda essa multiplicidade: não posso ser só bióloga. Ao tratar de biologia das plantas, que as pessoas conhecem, há muitos aspectos que não são só o conhecimento estético ou modo de fazer, que as artes e outros campos me ajudam a compreender e, principalmente, dialogar com as pessoas. A extensão vai nessa perspectiva do diálogo, mas a multiplicidade também tem relação com a extensão. Ou seja: acho que é impossível fazer extensão focada somente em uma perspectiva.

Revista da Extensão: E o que veio antes, a pesquisa ou a extensão? Ou ambas andaram juntas nesse processo?

Rumi Kubo: Como eu disse, é uma pesquisa que eu não consigo mais dissociar da extensão. O primeiro contato que tive com a extensão foi a partir de um projeto para detectar o barbeiro (*NE: mosquito transmissor da Doença de Chagas*). Em seguida, como aluna, comecei com a iniciação científica, trabalhando com indígenas, o que me levou ao campo laboratorial. Em toda a graduação eu trabalhei com isso, paralelamente a muitas atividades de campo. A pesquisa que eu desenvolvo perde o sentido se não for feita com extensão. Uma abre as portas para a outra. Por exemplo: o trabalho com agricultores familiares e frutas nativas tem todos os aspectos de quais as frutas que eles usam, as formas de utilizar.

Ao adentrar nesse mundo, você percebe que há uma série de conhecimentos importantes para a pesquisa, uma infinidade de conhecimentos desse agricultor, e como vou transformar isso em conhecimento científico. Eu caracterizo isso como “pesquisação”. Existem artigos publicados nesse sentido, caracterizando esta modalidade de pesquisa como a que tem ação na constituição.

Revista da Extensão: O diálogo entre universidade e sociedade é a base do conceito de extensão universitária. Esse encontro com os agricultores é que originou o Encontro de Saberes?

Rumi Kubo: Sou filha de agricultores. Meu pai é um pequeno agricultor de origem japonesa, e eu cresci sendo agricultora. Passei a morar em Porto Alegre quando entrei na UFRGS. A Biologia é ligada a vários campos, não somente o rural, mas um pouco da Botânica foi sempre remetendo a esta agricultora que sou. Foi então que comecei a trabalhar com etnobotânica, mais especificamente plantas medicinais. Minha dissertação de mestrado foi sobre plantas utilizadas por mulheres agricultoras. A própria pesquisa já vinha se realizando a partir do contato com os agricultores, além de ser a minha origem. Eu me sinto em casa trabalhando com isso. Depois, toda a grande ênfase foi trabalhar com a temática de populações tradicionais, que na década de 1990 estava emergindo no Brasil. Eu queria trabalhar com esses grupos, mas tínhamos de nos deslocar, pois aqui não havia populações tradicionais, embora tivéssemos indígenas e quilombolas. As características não são homogêneas: há o grande agricultor, do agronegócio, e também aquele pequeno, com características muito próximas às da população tradicional, como o modo de plantar e o conhecimento muito ligado às tradições. Foi a partir de tentar ver o tradicional nessa agricultura que eu comecei a desenvolver minha ênfase em pesquisa, o conhecimento tradicional de agricultores no Rio Grande do Sul. Quando entrei no PGDR, havia uma demanda muito grande de se trabalhar com quilombolas e indígenas, com os quais eu tinha contato, mas nunca havia trabalhado diretamente.



Troca de sementes na área quilombola do Limoeiro

Revista da Extensão: Quando foi isso?

Rumi Kubo: Em 2010, quando entrei como professora no PGDR, mas eu atuo desde 2005 aqui. Surgiu das demandas dos alunos que queriam trabalhar com essas questões, provindas das ações afirmativas.

Revista da Extensão: Foi justamente na metade da última década que o tema das ações afirmativas emergiu...

Rumi Kubo: Exatamente. No Brasil, as outras pessoas que trabalhavam com populações tradicionais lidavam com indígenas e quilombolas. Comecei a trabalhar com indígenas junto à professora Gabriela Peixoto Coelho de Souza, que tem uma trajetória muito parecida com a minha. Indígenas, agricultores, quilombolas, pescadores, esses saberes todos habitam em torno do rural. O Encontro de Saberes foi um grande desdobramento disso tudo, porque havia não só a demanda como a obrigatoriedade de trazer para o ensino formal o ensino indígena e

de raça brasileiro. Acabou tudo convergindo, e desse grupo surgiram outros professores. Veio da lacuna da Universidade a perspectiva de trabalharmos essa ação de extensão, que também é de ensino. Toda construção vem da pesquisa e da extensão, e a gente leva isso para as salas de aula. O Encontro de Saberes é ensino também. A nossa trajetória como extensionistas e pesquisadores permite que a gente traga uma série de mestres tradicionais para darem aulas. Temos confiança nessas pessoas, a partir dessa relação que temos com elas: se propõem a vir e a compartilhar com os nossos alunos os seus conhecimentos, vivências e dramas. As aulas são, então, uma porta de entrada para o mundo dessas pessoas. Essa licença, na verdade, vem da atuação em extensão e pesquisa de cada um desses professores que compõem o Encontro de Saberes. O momento final é o ensino, em que eles passam a se colocar nessa posição de professores, ministrando aulas para nós, docentes, e para os alunos. Esse é o grande mérito dessa ação. Ontem, nós fomos no Quilombo do Areal, na Avenida Luiz Guaranhã (NE: *logradouro acanhado localizado no bairro*

Menino Deus, em Porto Alegre). Os alunos da disciplina, cerca de 70, tiveram aula de bateria, acesso a todos os instrumentos e, ao final da aula, ocorreu um pequeno desfile da escola de samba. Essa é uma das ações que vem desse acúmulo proporcionado pela extensão e pela pesquisa.

Revista da Extensão: Como funciona essa recepção, tanto dos alunos, quanto desse público externo que vocês aproximam da Universidade? Deve ser muito enriquecedor para os dois lados.

Rumi Kubo: Acho que é isso o que nos dá o grande prazer de participarmos desta ação. É realmente um coletivo de professores da Universidade. Eu sou da Economia, há docentes das Artes, da Música, de Letras, da Agronomia... Nos colocamos como uma equipe, temos uma diversidade. O estilo de aula que alguém da Economia dá é completamente diferente de alguém da Música e do Teatro. Já observamos como são diferentes as estratégias de noção pedagógica. Cada um traz seus parceiros de pesquisa e extensão, e a partir do laço de confiança dizemos “olha, não é uma ação em que vamos colocar vocês ali para nós darmos aula, vocês é que estarão assumindo a condição de professores”. Até essa negociação tem que ser diferenciada. Claro, são dez anos de pesquisa. Essas pessoas que a gente traz são muito mais do objetos de pesquisa, são amigos nossos. Não é para eles se moldarem ao nosso formato de dar aula: se é na rua, se é na beira de um rio... se é nesses lugares em que eles sentem como professores, e não dentro de uma sala de aula, vamos lá! É esse jogo, essa negociação, que a gente vai construindo. Ao mesmo tempo, é uma tensão, pois você vai entrando no mundo dessas pessoas e o expõe a um público muito diferente. A maioria dos alunos nunca teve contato anterior com um indígena, nunca entrou em uma área quilombola, ou sequer sabia que existia um quilombo aqui perto, ficam impressionados ao saberem disso. O que a gente quer é entrar no drama desses grupos. Por isso, nessa interlocução, precisamos ter uma atitude respeitosa, saber como abordá-los. Não é só você

perguntar para satisfazer suas curiosidades. É essa perspectiva de diálogo que a gente procura modular. Pedagogicamente, esse é o grande cuidado que tentamos tomar. O aprendizado não é apenas conhecer esses grupos, mas também ter uma vivência desse contato, dessa adequada formulação respeitosa e dialógica que temos de tecer com eles.

Revista da Extensão: E como se preparar para fazer essa mediação entre culturas tão diferentes?

Rumi Kubo: Diálogo, somente isso. E estar preparado para o inusitado. Para cada um dos mestres temos uma forma de preparo diferente. A própria preparação, em termos de pesquisa antropológica, é uma relação de contato e, assim como a troca de saberes, renderia resultados que poderiam ser caracterizados como pesquisa. Essa relação de interculturalidade é uma pesquisa em curso. Na avaliação da disciplina, o aluno não tem de elaborar um relatório final, mas sim formular alguma proposta que vá remeter e ser quase devolutiva para os contextos desses mestres. Portanto, a própria avaliação final vai ser muito mais caracterizada como uma ação de extensão do que uma atividade avaliativa. Assim, é possível perceber como pesquisa, extensão e ensino estão em uma coisa só.

Revista da Extensão: Esta interligação do tripé acadêmico é bastante natural no seu trabalho, ao mesmo tempo em que é bastante complexa, certo?

Rumi Kubo: Quando comecei a fazer extensão e a participar das discussões sobre a área, notei que havia quase um preconceito da pesquisa com relação à extensão, mas também da extensão em relação à pesquisa. A minha geração era, em boa parte, formada por pesquisadores que também estavam fazendo extensão. Havia o comentário de que em certas situações os pesquisadores se aproveitavam da extensão para executarem suas ações de pesquisa, pois tinha bolsa, fomento. Mas acredito que é impossível dissociar uma coisa da outra. Na pesquisa, mesmo com seres

humanos, você tem uma extração de dados, seja conhecimento, materiais, amostra. Já a extensão, pode-se dizer, amenizava essa relação meramente extrativa. Ao longo do tempo, a gente percebe, como pesquisadores, que temos um papel muito importante na mediação, você pode se colocar como igual. Por exemplo: uma pesquisa com um samambaieiro, por exemplo, nos leva à resposta de que os seus procedimentos não vão levar à extinção da samambaia preta, como a Secretaria Estadual do Meio Ambiente chegou a sugerir.



Atividade com samambaieiros ajudou a alterar legislação estadual de cultivo da espécie

Revista da Extensão: Como foi este caso?

Rumi Kubo: Na época, quando comecei a atuar em ONGs, esses extrativistas estavam proibidos de realizar a atividade de extração. Eles alegavam que a atividade que realizavam não iria levar a samambaia preta à extinção, e a nossa pesquisa confirmou isso. Fizemos uma série de experimentos para ver se a extração praticada por este grupo levava à diminuição da variabilidade genética, da quantidade em relação à coleta, e realmente é o que eles diziam: o que levaria a planta à extinção era o mato, pois, se você não maneja esta vegetação, vem uma vegetação secundária, uma capoeira, que depois vira floresta, e em floresta a samambaia não cresce. Este é um conhecimento deles, do qual fizemos uma tradução, e a Secretaria de Meio Ambiente acolheu em forma de legislação tudo

o que esses extrativistas faziam. Foi uma negociação que fizemos, e conseguimos formalmente o reconhecimento das formas de extrair que eles praticavam. Acho que a palavra importante para a extensão é mediação: não adianta, eu nunca vou ser extrativista, embora tenha origem agrícola, mas, com toda a minha trajetória de pesquisa, eu não vou mais ser agricultora, mesmo que queira. É preciso reconhecer os lugares de poder, colocar à disposição das pessoas essa possibilidade de mediação e aplicar esse conhecimento, adquirido em escolas e universidades públicas. A extensão tem sido o espaço para dinamizar isso e fazer a roda continuar andando, pois o conhecimento gerado a partir dessa mediação é veiculado, retorna para os samambaieiros e também para a Secretaria do Meio Ambiente, que aperfeiçoa seus mecanismos de fiscalização. Então, mesmo os pesquisadores mais exclusivamente centrados em pesquisas reconhecem que, de alguma forma, tudo o que eles buscam é o retorno para a sociedade. Talvez a extensão seja o espaço possível para essa mediação mais direta.

Revista da Extensão: A sua trajetória concilia muito bem pesquisa com extensão, mas sabemos que no meio acadêmico isso nem sempre ocorre. A senhora enxerga ainda uma resistência de alguns extensionistas em trabalhar também com pesquisa?

Rumi Kubo: Não acho que exista resistência. Acho que existem diferentes formas de fazer extensão, diferentes grupos. É uma diversidade, e deveríamos, em tese conviver com isso. Há professores que se propõem à pesquisa, buscam isso nos seus caminhos. Outros fazem trabalhos maravilhosos porque mergulham totalmente na extensão. É muito de cada um. Existem perfis diferentes, e esses perfis é que trazem essa riqueza do que é a extensão da UFRGS e outras instituições, mas sobretudo a daqui. No Salão é que a gente se dá conta disso. Eu vou às tertúlias e, nossa, olho e penso “meu Deus do céu!”, em especial nesse momento em que a Universidade é criticada, aquela coisa de “para que serve a

Universidade? Para que gastar dinheiro público com ela?”. Nossa, se a gente percebesse, somente nas tertúlias, tudo o que se faz... Pessoas com diferentes motivações, seja com olhares mais focados na pesquisa, ou outras que mergulham a ponto de estarem quase vivendo nas comunidades. Então, acho que essa diversidade é o que forma esse espectro da extensão da UFRGS. A diversidade desses perfis a engrandece. Há momentos, por exemplo, em que vamos precisar justamente daquele pesquisador que dá o seu pitaco na extensão. Isso é muito bom, é sempre muito bem-vindo.

Revista da Extensão: Já que a senhora tocou na questão do momento das universidades públicas, como é lidar com esse tipo de diálogo intepistêmico com outros saberes nesse momento em que vivemos? Afinal, a partir destas instituições, povos que sofrem muito preconceito começaram a encontrar voz, o que tem sido ameaçado diante do atual contexto.

Rumi Kubo: Acho que todos estamos em uma postura de espera. Já começamos a perceber as dificuldades. Precisamos estabelecer uma trajetória de diálogo e aproximação com esses grupos, explicando que os projetos não vão acabar etc. Mas o importante é que a extensão abriu essas portas, e uma vez que as portas foram abertas eles não se fecham – mesmo que, num primeiro momento, isso aparentemente possa ocorrer. Domingo fui ao Planetário, e lá são recolhidos alimentos não perecíveis como ingresso para as sessões, os quais são doados para vários projetos, entidades. Neste domingo as doações foram para um grupo Mbya-Guarani. Eu mesmo levei as doações, e tive oportunidade de conversar com o cacique, para ver a percepção deles a respeito disso. Eles nos enxergam como mediadores, e a abertura desta porta de mediação foi a extensão que proporcionou. Eles nos colocam várias demandas e eu expliquei que “olha, nesse momento, sem recursos, não temos uma via de atender concretamente à demanda que vocês têm”. O convívio que esse espaço de mediação

proporcionou dá lastro para dizemos a eles que “este é um momento difícil, mas pelo qual vamos passar juntos. A gente percebe que vocês têm dificuldades, assim como nós estamos tendo”.

Dizemos a eles que estamos caminhando juntos. Esse diálogo está definitivamente estabelecido. A dificuldade vai ser grande por causa das restrições, mas a parceria está muito mais sedimentada e consolidada que quando iniciamos. É um caminho sem volta. A extensão dá esse lastro que culmina em relações de amizade, de parceria construída, e isso permanece na memória das pessoas. É um momento difícil, mas não é a primeira vez, nem vai ser a última. Um indígena certa vez nos disse: “olha, nós resistimos 500 anos... não vai ser agora, em pouco tempo, que vamos deixar de resistir. Se nós conseguimos, vocês também vão conseguir”.

Revista da Extensão: Professora, tens alguma mensagem para deixar ao nossos leitores?

Rumi Kubo: Em termos de extensão, a UFRGS, tem reconhecidamente, enquanto pró-reitoria, um espaço muito claro. A PROEXT é um espaço de mediação de diferentes níveis, e é impossível deixar de reconhecer esse esforço das pessoas que compõem a pró-reitoria. Acho esse esforço louvável, da PROEXT e de todos que fazem extensão na UFRGS. Na perspectiva do desenvolvimento rural, que é a área em que trabalho, a extensão se conjuga com uma política mais ampla do Estado, passando a ser mais estratégica. Na agricultura familiar, por exemplo, o CNPq passou, a partir de 2016, a abrir editais que eram não só para pesquisa, mas também para extensão. Isso tudo faz parte de um contexto geral que levou ao fortalecimento extensionista, e nós todos somos fruto disso. É nessa perspectiva que resolvemos embarcar, e espero que possamos seguir em frente e dando frutos. ◀